

O ABRIGO RUPESTRE DA «SOLHAPA» — EM DUAS IGREJAS MIRANDA DO DOURO

Por

ANTÓNIO MARIA MOURINHO

I

LOCALIZAÇÃO

Não desejo referir-me às insculpturas rupestres dispersas por todo este Nordeste transmontano, em boa parte recolhidas e processadas pelo saudoso investigador e sábio Mestre, Abade de Baçal, nos volumes IX e X das suas «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança» e a outras já estudadas pelo meu bom amigo e peregrino da investigação Sr. Prof. Doutor Santos Júnior ⁽¹⁾.

A terra de Miranda não é isenta desta documentação, é até mais rica do que se supunha, sobretudo nas margens do Douro. Mesmo não longe daqui, na margem esquerda, na província de Salamanca,

⁽¹⁾ *Scantralhouço* é um termo mirandês, derivado de Castro, é uma deformação por metátese de *Castralhouço*, assim como *castrilhão* e «*castrijão*» e «*castralheiras*» — *castro* mal ajeitado, mal feito, com certeza anterior ao «*castro* e *crasto*», de *castrum*, nome romano já civilizado e *castralhouço*, seria um depreciativo de técnica já desactualizada.

«*Malrasca*» é o nome dado à cortinha ou prédio fronteiro, para Nascente da Solhapa, do outro lado da ribeira, que corre na direcção N.-S. para o Douro, que significa mau risco, ou risco mal feito, *rascar* em mirandês é sinónimo de *riscar*. Parece ser uma alusão clara às insculpturas da Solhapa.

entre o Douro e o Tormes, junto a Pereña, frente a Peredo de Bemposta.

O abrigo rupestre da «Solhapa», onde há cinco séries de insculpturas pré-históricas ou petroglifos, é uma vasta gruta voltada para o sol nascente, em sítio acessível e fácil de ver.

O seu interior é uma cava enorme, achatada, e impressiona pelo seu pouco pé direito, 0,45 apenas; o máximo, meio metro, numa vasta superfície superior a 150 metros quadrados.

Fica situada no concelho de Miranda do Douro, a cerca de 3.000 metros da povoação de Duas Igrejas, partindo da estrada nacional 221, na direcção Sul, a caminho da povoação de Freixiosa, voltada a nascente e a 100 metros do mesmo caminho, num sítio ermo de terreno arenoso e granítico que entende pelos nomes de *Scantralhouço*, *Poço Picão*, *Malrasca* e *Solhapa*.» ⁽²⁾.

II

HISTÓRIA DESTE ACHADO

Que eu saiba, ninguém tinha dado notícia deste achado, até que eu dei conhecimento ao Sr. Prof. Doutor Santos Júnior, haverá 15 anos, ainda em vida do saudoso Prof. Mendes Correia.

Na própria localidade de Duas Igrejas, mal havia consciência do valor da «Solhapa», com suas 5 séries de petroglifos.

Por 1955, um moço de então, de nome José dos Anjos Martins, natural de Duas Igrejas, hoje no Canadá, me anunciou que dentro da «Solhapa», onde «podiam sestar 150 ovelhas», havia umas poças e uns riscos que não sabia o que eram, que lhe parecia teriam sido «feitos pelos pastores, com pedras, para que as ovelhas não escorregassem», e mais me pediu que a visitasse a «ver o que era aquilo»,

⁽²⁾ Em *Arte Rupestre*, in «Congresso do Mundo Português», Vol. I, *As Serpentes Gravadas de Castro do Baldoeiro (Moncorvo - Trás-os-Montes)*, XV Congrès International d'Antropologie & d'Archeologie Prehistorique, IV Session de l'Institut International d'Antropologie Prehistorique, Portugal, Septembre, 1930, Actes du Congrès, Paris, 1931, págs. 413-418.

por saber que eu me interessava por coisas antigas, ao mesmo tempo que me interrogava a mim sobre o que seriam aquelas poças e aqueles riscos, ao que eu nada poderia responder, sem ter visto.

Visitei o abrigo, passados dias na companhia do referido moço e deduzi espantado, logo à primeira vista, que se tratava de insculpturas rupestres, ou petroglifos antigos, ao verificar, logo de início, pelo menos, 3 séries de gravuras, duas horizontais e uma parietal dentro do vasto abrigo, onde a chuva não entra e o sol apenas ao nascer e até as 8 ou 9 da manhã, só nos meses de Maio, Junho e Julho.

Dei nessa altura, ou logo a seguir, conhecimento do achado ao Sr. Prof. Doutor Santos Júnior, como já referi.

Mais tarde, em nova visita, deparei com a rocha oval, achatada à entrada, a que eu chamo *mesa*, com outra série de covinhas e pequenas barras, mais ou menos longas, mais ou menos ovais, mais ou menos juntas a duas, ou isoladas.

Finalmente, observando com minúcia a vasta cobertura daquele vasto abrigo, deparei com uma figura central insculpida que a princípio me pareceu representação de um réptil, um lagarto; e tendo-o coberto a carvão, e fotografado, continuou a parecer-me aquilo mesmo, sem saber explicar o que fosse, e deparei ainda com regos serpentiformes, na parte inferior da figura supra, como de facto devem ser.

Devo ainda esclarecer que, sendo época acesa de construções em Duas Igrejas, o pedreiro Sr. João de Sousa deu em quebrar por ali inúmeras fragas de granito para construção de casas, e vendo-o eu um dia, com uma equipa de barreneiros, a quebrar dois grandes rochedos contíguos ao abrigo, do lado Nordeste, que tinham nos topos fossas maiores, circulares, em forma de grandes tigelas e que não me pareciam covas de lobo, nem quaisquer fossas provocadas pela erosão, mas taças feitas pela mão do homem, apressei-me a falar ao dono da propriedade onde se situa a Solhapa e as ditas fragas para que aquela fosse poupada, ao que o Sr. Francisco Lopes muito compreensivamente logo acedeu, e concertámos que o «Ressurgimento Mirandês», instituição cultural regionalista do concelho de Miranda, com sede naquela cidade, lhe comprasse toda a área da Solhapa, por 500\$00.

Este abrigo é pois propriedade do «Ressurgimento Mirandês» e acho que deve ser declarado monumento de interesse público.

Foi pena que tivessem destruído as ditas fragas que estavam contíguas a Nordeste, mas quando demos de conta era já tarde.

Visito com muita frequência este abrigo e várias vezes o visitei na companhia do Sr. Prof. Doutor Santos Júnior.

Independentemente do trabalho que um dia possamos fazer de colaboração, ou que o meu querido Amigo queira fazer por si só, dentro do respeito e amizade que devo à sua bondade e reconhecida competência e me merece a sua autoridade, após aturadas vigílias e observações «*in loco*», e sobre fotografias, no ambiente em que está e o circunda, e sobre interrogações aos petroglifos e aos livros, vou procurar expor sozinho a minha opinião.

III

APRESENTAÇÃO E MEDIDAS

«*Solhapa*» é um termo mirandês que significa gruta, abrigo que provém do latim de «*sub lapide*».

Tal qual se nos apresenta este abrigo, podemos dividir as suas representações petroglíficas em dois grupos, um interno e outro externo.

Cada um dos grupos podemos dividi-los ainda em séries, sendo duas externas e três internas.

1.º Grupo (A — 1.ª Série externa — Cobertura:

Sobre a enorme tampa natural, granítica, do abrigo que se continua superiormente ao nível superior do terreno, verifiquei, tardiamente embora, a validade das gravuras sobre a cobertura, e neste ano de 1970, em Maio, resolvi cobrir com giz as incisões e fotografei-as directamente, do que resultaram os efeitos das figuras n.º 7, 8 e 9 onde é bem expressa a representação de uma figura esquemática humana.

Esta tem de comprimento total, desde o alto dos apêndices capitais, até a extremidade da barra inferior mais comprida, que será uma perna, ou talvez uma cauda, 0^m,97; de largura, na abertura máxima

das duas barras inferiores externas, 0^m,63, nos braços 0^m,57; o falo tem um comprimento de 0^m,16.

Está orientada na direcção Nascente-Poente, com a cabeça para Poente.

Ao fundo das pernas deste antropomorfo, estão insculpidos uns serpentiformes, o maior dos quais, orientado na direcção Norte-Sul, tem de comprimento 1^m,05. Mais dois serpentiformes de menores dimensões se orientam no mesmo sentido, e mais três no sentido perpendicular a estes. Fig. 7).

Tentativa de interpretação: Como se vê, do desenho decalcado sobre a fotografia, como da mesma fotografia, trata-se de uma figura esquemática humana, já representada nos abrigos rupestres peninsulares da arte levantina e em insculpturas rupestres do Noroeste Peninsular.

A cabeça é de aspecto trapezoidal terminando em pontas, como o «sorcier» de Troies-Frères, no Ariège, França (*) e outros decalques de figuras similares que Pilar Acosta nos dá, a pág. 158 de «La Pintura Rupestre Esquemática en España», Fig. 53, (ver Deseño n.º 7).

Esta figura terá um sentido mágico de fecundidade, propiciatório??? ou de exorcismo contra animais daninhos? ou de propiciação sobre todo o abrigo?...

A técnica deve ter sido por percussão e abrasão, certamente com pedra mais dura incidindo sobre o granito. As superfícies das incisões não são polidas como no interior, porque, ao ar livre, temos de contar com os factores erosivos e os líquenes que também destroem e deterioram as superfícies polidas.

B) — 2.ª Série externa — *Mesa de entrada:*

A direita da entrada principal, e também do lado direito de toda a abertura da caverna, Fig. 10, a uma altura de 0,60 há uma rocha rectangular de cantos redondos, orientado longitudinalmente, na direc-

(*) J. M. Gomez Tabanera, in *Altamira*, 242.

ção Nascente-Poente. Tem de comprimento 4 metros, e de largura 1^m,10.

É semeada de covinhas e sinais incisos, isolados ou juntos aos dois e aos três.

Tentativa de interpretação: Não podemos pensar que esta mesa cubra qualquer túmulo ou espólio de natureza megalítica, pois a rocha assenta, ainda virgem, sobre a matriz maciça, continuação granítica maciça do pavimento da Solhapa.

Todavia as marcas são apenas covinhas ou barras de 0^m,06 de largura por 0^m,07 ou 0^m,08 de comprimento. Maringer, apresenta covas ou taças sobre rochedos parecidos, em Beldorf, na Alemanha e diz que «*serão símbolos do deus Sol*» (*). Mas isto é tão hipotético, que eu confesso não sei o que sejam, nem o que signifiquem.

2.º Grupo — Interno

Este grupo consta de três séries internas. A primeira e a segunda encontram-se logo à entrada do abrigo do lado esquerdo, ambas colocadas no sentido longitudinal, na direcção Nascente-Poente, sendo uma horizontal ou jacente e outra parietal, a terceira é também mais ou menos horizontal, condizendo com o pavimento da *Solhapa*, ou abrigo no sentido longitudinal da abertura, em direcção Norte-Sul.

A) — 1.ª Série — Interna: Como podemos observar, pelas fotografias, esta série é orientada longitudinalmente, na direcção Nascente-Poente, para dentro do abrigo, na extrema esquerda. Tem um comprimento total de 2^m,20 × 0^m,85 de largura.

Este vasto documento é composto de covinhas e barras interligadas mais ou menos em labirinto. O tamanho das covinhas oscila entre 0^m,06 e 0^m,03 com 0^m,03 de profundidade.

As covinhas estão ligadas entre si por traços ou linhas incisas, formando alteres, serpentiformes, cajados, báculos e, ao que parece figuras esquemáticas zoomorfas e antropomorfas, e outras por enquanto inexplicáveis.

(*) J. Maringer — *Os Deuses Pré-históricos*.

Tentativa de interpretação: Começando logo pelo lado esquerdo, vemos uma figura em ângulo, precedido de um alter e a seguir, na parte inferior um serpentiniforme ligado na parte direita a três covinhas, parecendo ter três cabeças. Após uma série de covas e ligado a uma barra que desce do alto e se prolonga no vértice de um ângulo obtuso, para a esquerda, liga-se na perna inferior pela direita a duas barras que nos dão a impressão de um *par amoroso*, tocando os pés e um braço e outro braço da parte da figura da direita que é a masculina, está tirado para trás. Aponta o falo à devida altura.

Na figura esquerda deste par, ao fundo vem uma ligação para a barra perpendicular que, a meio, quebra e incide para a esquerda, ramificando-se com outros conjuntos superiores.

Tirando um decalque sobre a figura deste *par amoroso* que a fotografia n.º 4 nos dá em pormenor, temos o esquema do desenho n.º 2 o qual comparado com outras figuras esquemáticas que Pilar Acosta nos dá na sua «*Pintura Esquemática Rupestre Española*», sobretudo a N.º 11, Fig. 54, pág. 162, apresenta-nos um flagrante paralelo.

Na extremidade esquerda desta série, à qual só se pode chegar de rasto, impressiona-nos logo à primeira vista uma figura inteiramente isolada de todo o conjunto, como se vê pela fotografia n.º 13 e 15 e comunica-nos uma impressão de movimento e estranheza: quatro pernas voltadas para baixo, dois ramos superiores formando um V, um prolongamento desde o vértice para a esquerda e outro para a direita, numa sucessão de linhas quebradas interligadas por covinhas, terminando na extremidade direita por uma figura cordiforme, penetrada inferiormente por um basãtozinho até o meio; sob esta figura em atitude semi-jacente levantam-se dois raminhos em v, na extremidade direita, parecendo um y deitado, com a cauda mais longa e também deitada.

A primeira vez que a observei, pareceu-me um animal em luta, talvez com um homem. Hoje é outra a minha opinião.

Não deve haver dúvida de que se trata de uma figura esquemática, vista a fotografia e o decalque feito sobre ela, assim como observada bem de perto a figura *in loco*, inteiramente desligada do resto

do conjunto. Em meu entender, ela representaria um animal, uma cabra?, ou cervídeo?, cuja cabeça se volta para a esquerda, encimada pelos cornos ou dois olhos e as patas bem representadas, sobre as quais se prolonga para a esquerda aquela linha quebrada que termina na figura estranha de uma vulva esquematizada e cheia ou ocupada, ou cria que deposta no chão tenta levantar a cabeça? *Parece-me pois a representação esquemática de um parto* (*).

Chamo a atenção para o desenho, ou decalques n.º 3 correspondentes aos n.ºs 1, 2 e 3 A, do quadro de Leroi-Gouphan, que nos dão representações sexuais de arte pré-histórica francesa, muito parecidas, senão iguais à representação da Solhapa a que nos vimos referindo, que é deveras uma representação cordiforme. E, se ao número 3 nós colocarmos a barra das representações dos números 1 e 2, encontramos com um desenho parecido, senão igual ao da «Solhapa».

O que me leva a pôr a hipótese de que assim acoplada, como está, é uma vulva cheia, no acto da fecundação, cujo final se termina com o parto, representado na figurinha deposta por baixo (*).

Pilar Acosta, no seu citado trabalho, dá-nos imagens decalcadas de partos pré-históricos de que transcrevo cópias no desenho n.º 4 (†).

Pode ser esta imagem estranha um ex-voto de agradecimento pelo nascimento de uma cria, pela fecundidade; ou uma representação mágica de propiciação a pedir essa fecundidade, isto é um nascimento?

O que nos leva a perguntar se os homens da Solhapa já tinham animais domésticos e se seriam de preferência pastores?

B) — 2.ª Série — Interna: Parietal: Esta série, vista de frente em fotografia directa dá-nos este aspecto — fotografias n.º 17 e 18; estando cobertas com giz, dá-nos o aspecto das figs. 19.

(*) As representações vulvares de tipo cordiforme dá-nos-las Leroi-Gourain, na sua obra «*Prehistoire de l'art occidental*», e transcrevem-nas juntamente com outros sinais sexuais Graham Clark, em «*Les Chasseurs de l'Age de la Pierre*», e José Manuel Gomes-Tabanera, em «*El Misterio de Altamira*», in «*Altamira, Cumbre del Arte Prehistórico*», Madrid, 1968, págs. 260, 261 e 271.

(*) Pilar Acosta, *La Pintura Rupestre Esquemática en España*, fig. 54, n.º 11

(†) Ibid.

É uma série de ranhuras perpendiculares, de covinhas, isoladas e conjuntas às duas ou três ou associadas a barras perpendiculares, semicírculos com pontas, e cruciformes.

MEDIDAS: Tem de comprimento $1^m,50 \times 0^m,60$ de altura. Os petroglifos têm de profundidade máxima $0^m,03$ e $0^m,350$. A altura máxima das figuras é de $0^m,43$.

Tentativa de interpretação: Este documento é o único parietal de todo o conjunto, partindo a $0^m,15$ do chão, até $0^m,70$ de altura, na rocha granítica dura, ligeiramente inclinada para Norte.

É composto de barras perpendiculares, duas logo à entrada, terminando com outra, na extremidade interior. Sob as barras da entrada, há um sinal cruciforme e logo uma incisão incompreensível.

Como elemento dominante, percebe-se uma figura incisa em rego de meia cana, com um bojo central cavado na rocha, prolongando duas barras para baixo e debaixo delas uma figura curva, terminada à frente por uma espécie de cruz de quatro braços; daquele bojo, sobe obliquamente, percebendo-se ser um pescoço e cabeça de um equídeo; um pouco atrás sobre o dorso, chama-nos a atenção uma cova da qual partem dois braços, ou pernas para baixo. — Um antropomorfo.

Este conjunto, como se percebe nas fotografias n.º 17 e 18, cobertas a giz branco as incisões ou perfurações, apresenta-nos a figura central da fotografia n.º 9, que nos dá o decalque do desenho n.º 5 e 6 em pormenores.

Não há dúvida que estamos em face de uma cena de caça. A figura curva, sob os pés do quadrúpede seria a presa de caça.

Mais uma confirmação de que os homens da Solhapa, já teriam animais domésticos.

Visto ao natural, não se percebia o conjunto, no meio de todas aquelas incisões, mais ou menos largas, mais ou menos fundas. Só depois de cobertas com giz as figuras, foi que a fotografia nos revelou este conjunto.

O grupo tem de altura $0^m,42$ e de largura, na barriga do «cavalo»? $0^m,13$.

Esta é aprofundada e polida e dá-nos a ideia de um relevo inciso, feito com perspectiva e de manifesta esbelteza, saindo das normas dos simples rectilíneos, curvilíneos e labirintos das insculpturas rupestres do Noroeste Peninsular, para nos dar uma expressão de grupo das figuras esquemáticas da *arte levantina* e da arte pré-histórica franco-cantábrica de aspecto definido e de vida do homem pré-histórico nesta região. — Uma cena pura de caça, ou perseguição de um animal, ou de um homem?

Debaixo deste grupo, nota-se um semicírculo invertido, de pernas para o ar, com um ponto ao centro, talvez uma representação sexual simbólica, ou um serpentiforme que deve ser posterior.

Depois, à esquerda, sucedem-se figuras ininteligíveis, até agora, que parecem barras interligadas, com aspectos de répteis, covinhas e barras perpendiculares, como as de entrada, podendo presumir-se que sejam representações fálicas masculinas de sentido mágico.

Este parietal impressiona-nos pelo ineditismo do seu aspecto e pela maneira como os petroglifos estão incisos todos muito polidos, certamente por fricção, ou abrasão.

*
* * *

C) — Série 3.^a. *Interna*:

Esta 3.^a série é a mais vasta de todas.

As suas dimensões ocupam todo o pavimento do abrigo, desde o topo da 2.^a série que acabámos de descrever, quase até a outra margem do abrigo, para a direita, em direcção Norte-Sul. Em profundidade para o interior da caverna, os sinais que são na sua maioria representados por covinhas e barras, vão até três metros para o interior.

O comprimento desta série tem 12 metros. As representações, como dissemos são constituídas por covinhas e barras, como as descritas na 2.^a série externa, sendo algumas mais compridas do que outras, mas a maneira como estão representadas dão a impressão de velocidade, extremamente polidas, começando, numa extremidade em bico alargando

para o centro e aprofundando no pavimento, até 0^m,02 ou 0^m,03 até terminar também em zero.

Estas barras atingem uma dimensão de 0^m,10 a 0^m,20 centímetros.

Aparecem também alteres, como se vê pelas fotografias n.º 21, 22 e 23, figuras curvas, isto é barras curvas terminadas nas extremidades por covinhas, parecendo estas iguais aos bumerangs representados nas figurações esquemáticas das pinturas espanholas de Pilar Acosta na sua obra citada, do Agrigo Pequeno de Puerto de Malas Cabras, pág. 171, fig. 58, 1.

Damos um decalque dos da Solhapa e dos de Pilar Acosta, no des. 8.

As covinhas estão dispostas, ou sós, ou isoladas, a duas ou a três ou a mais, sendo o conjunto maior de 14 unidades. (Fot. n.º 20).

A profundidade das mesmas, como já disse atrás, oscila entre 0^m,02 e 0^m,035.

O que se verifica igualmente em todas, é que são extremamente polidas, no fundo.

Tentativa de interpretação: O bom Amigo Sr. Prof. J. M. Gomez Tabanera, sugere a assimilação ferida-vulva, da mesma maneira que parece existir relação entre a azagaia e o falo (*).

Serão as covinhas representações femininas e as barras representações masculinas?

Repetir-se-iam no abrigo da Solhapa as representações mágicas do paleolítico, das grutas franco-cantábricas? Pelo que deixámos exposto para trás, estes primitivos habitantes de Duas Igrejas e frequentadores de «Solhapa», eram caçadores e talvez pastores.

IV

AMBIENTE GEOGRÁFICO - HISTÓRICO - ETNOGRÁFICO DA SOLHAPA

Como vemos pela fotografia n.º 5 estamos voltados para Norte. Na nossa rectaguarda, fica o rio Douro, a 3 quilómetros, para onde se encaminha a ribeira, cujo leito vemos à nossa direita.

(*) J. M. Gomez Tabanera, *Altamira*, 260-261 e 271, 274 e 279.

Há aqui uma grande bacia que na fase climática Atlântica e Sub-boreal, como hoje, estava ao abrigo dos ventos dominantes, do Sudoeste do Norte e do Nordeste e bem banhada de sol.

Logo após as primeiras chuvas de Outubro, principia a correr uma fonte, que vem do asento da «Solhapa», à esquerda, Fig. 4 e tem água limpa, nascida do âmago da rocha granítica, até Agosto que seca. Mas a sede não era problema para esta gente que tinha a ribeira com água permanente, no denominado «*Poço da Lã*», a menos de 300 metros, corrente e potável.

*

* *

Conforme se indica nas fotografias n.º 5, 100 metros a Nordeste do abrigo, ou «santuário», como lhe queiramos chamar, porque deve ter servido para ambos os fins, existiu uma cerca habitada, com dimensões de 150 metros de comprimento por 100 de largura, cujos muros seriam de terra, ou quase sem muros, onde apareceram vestígios de habitações primitivas, certamente cabanas de mato ou de peles, seguras no chão por seixos e outras pedras soltas, isto deduz-se dos aglomerados circulares das mesmas, com seixos rolados vindos da ribeira próxima.

Esta cerca parece não ter relação defensiva com os outros castros que conhecemos em lugares defensivos elevados, ou à margem de abismos naturais e em pontos estratégicos de boa visibilidade circundante, pois este podia facilmente ser atacado e arrasado por todos os lados, porque se situa no fundo de uma bacia de relevo natural.

Neste local, como se vê, foi plantada uma vinha há sete anos, pelo sistema tradicional dos valados em fossa, até 0^m,70 de profundidade, abertos a picareta e pá.

Apareciam, com frequência, a 0^m,40 0^m,50 e até 0^m,70 de profundidade, cinzeiros, uma espécie de fornos ovais cheios de cinza e ossos de animais fossilizados, que podiam ser de cabra, ovelha e, talvez de perdizes e coelhos.

A cada passo, surgiam pazadas de terra preta, de mistura com pequenos pedaços de cerâmica pobre, escura, sem decorações, apenas um bordo superior, junto da boca, e juntamente, uma pedra de xisto mais ou menos aparada que servia de tampa. — Seriam urnas funerárias. Houve aqui gente que praticava a incineração.

Em um dado lugar, foi-me dado então examinar uma cova de tamanho natural, com fundo de barro vermelho cozido e preto do fogo, com cinzas e carvões de madeira, de mistura com terra e ossos fossilizados, que presumo tenha sido um lugar crematório, ou sepultura de cova, onde se praticou a incineração.

Todo este lugar, dentro e fora da zona que considero delimitada, está semeada de seixos rolados, com sinais evidentes de utilização, exibindo fracturas e repetidos topos contusos e outros mais pequenos mais ou menos aparados, que teriam servido de escopos e furadores e machadinhos triangulares, bastante toscos, sem tipologia definida.

Percebe-se nalguns que foram aparados nos gumes e nos bordos, por gente que teria conhecimentos herdados ou importados de técnicas tardias da pedra partida, como se vê das fotografias que adiante vêm do espólio lítico ali recolhido.

Todo este material tem sido recolhido à flor da terra, descoberto pelo arado, pela enxada e pelas chuvas, além de dois cossoiros de barro cozido, sendo um pequenino, Fig. 28 D, e outro de tamanho normal, sem qualquer decoração.

Também separei algumas pedras aparadas das bandas e muito polidas e planas de uma só face, de granito, de configuração mais ou menos oval com dimensões à volta de 0^m,40 por 0^m,15 que podem ter servido para triturar cereais, pois também lá apareceram trituradores de granito, assim como mós manuais muito primitivas e toscas.

Casualmente, foram encontradas também três pequenas fíbulas de bronze, cuja fotografia damos a seguir, Fot. n.º 28, a, b, c.

Encontrei também casualmente um seixo rolado, com uma ponta aparelhada por percussão grossa, era um autêntico «*chopping tool*», cujo paradeiro se me perdeu.

Este o espólio pré-histórico mais representativo de que me lembro.

*

*

*

Pessoas idosas, de mais de 70 anos me têm referido que ali, junto, na cortinha da «*Malrasca*», de que falámos no princípio, vive uma cobra gigantesca com cabeleira que poucos vêem e ninguém é capaz de matar.

A dois quilómetros do local da «*Solhapa*», para Poente, ainda lá está uma fraga solene, no sítio denominado «*Reboucho*», chamada a «*Fraga da Moura*», onde dizem que nas manhãs de S. João, a bela encantada estende a roupa ao sol, e que a mesma fraga tem dentro um tesouro.

Ribeira acima, direcção ao Norte, aí a um quilómetro, entre a povoação de Duas Igrejas e o habitat castrejo que acabámos de descrever, há o topónimo «*Fonte do Tômbaro*», (em Picote, a 5 quilómetros, a Sul, há o *Tombár* — «*Tombár*», e a Sul a 5 quilómetros do lado de lá do Douro, em Espanha, está a povoação de *Mâmoles*). *Tômbaro* e *Tombár*, provém do latim «*Túmulum*», assim como «*mâmoles*» espanhol é *mâmoas*, em português, ou «*mamoas*», que nos anunciam boa tradição megalítica, por aqui vizinha.

A *serpente de cabeleira* da Malrasca, contígua da Solhapa, e os que me parecem serpentiformes, nas insculpturas da mesma, uma serpente que vi numa fraga de um «*Scantralhouço*» a 4 quilómetros a Sul, nas margens do Douro em Freixiosa, uma cabeça de serpente que uma rocha granítica natural forma, com duas covas escavadas no pescoço, as serpentes que em Moncorvo, no Castro do Baldoeiro, estão insculpidas nos rochedos, também nos parecem dar boa tradição de culto ofiolátrico.

Outros castros localizados em sítios ermos, naturalmente planos, como as «*castralheiras*», próximas da já citada «*Fraga da Moura*», entre Fonte de Aldeia, a povoação de Vila Chã e Duas Igrejas, no mesmo ambiente da «*Solhapa*», também nos indicam vida castreja de tradições remotas, anteriores aos castros de defesa no topo dos montes que também por aqui abundam, e nos denotam uma zona pré-

-histórica de tipologia e cronologia ainda não definida, e completamente virgem.

Apenas quero referir uma placa de xisto azul, com decorações geométricas parecidas com as das placas ídolos que Vera Leissner e o Dr. Agostinho Isidoro têm encontrado nos dólmenes do Alentejo, aparecida junto a uma fraga a um quilómetro da Solhapa, para Sul, na margem da mesma ribeira e era do tamanho de uma mão humana, com uma extremidade quebrada (*).

Tudo isto pode não invalidar uma certa antiguidade, nos petroglifos da «Solhapa», sobretudo nos parietais, onde se notam sobreposições de sinais.

Nada de lendas existe, na região acerca da «Solhapa».

V

BREVE ESTUDO COMPARADO DAS GRAVURAS DA «SOLHAPA»

Com tempo e paciência, ser-nos-ia possível obter mais elementos comparativos das gravuras da gruta da «Solhapa», com outras, pelo menos, das insculpturas rupestres da Galiza, de que Francisco Buhigas já publicou em 1935 um valioso «*Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*», e com algumas do distrito de Bragança, de que o Abade de Baçal já nos deu, sobretudo nos volumes IX e X (*) reproduções em desenhos e o Sr. Prof. Santos Júnior, em «*Arte Rupestre*» e na monografia «*As Gravuras Litotripticas de Ridevides (Vilarica)*» e J. R. Santos Júnior e Rogério de Azevedo, «*Gravuras Repestres de Linhares*», in «*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*», Vol. XVIII, pág. 12, Porto 1900. Pilar Acosta, no precioso trabalho, aparecido recentemente sobre «*La Pintura Esquemática Rupestre en España*», Salamanca,

(*) Vera Leissner, *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Est. N.º 1, 2 e 3, E Agostinho Isidoro, *Dolmens do Crato...*, Est. VI, fig. 11, e Est. XIII, fig. 19.

(*) Abade de Baçal, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Vol. IX, 579-718 e vol. X 321-833.

1968, dá-nos um trabalho de conjunto, onde encontramos elementos comuns à *Arte Levantina* e à inscultura rupestre do Noroeste Peninsular que dizem proveniente daquela ⁽¹⁰⁾.

Vamos apenas dar alguns elementos comparativos:

1.º Grupo — 1.ª Série externa:

A *figura antropomórfica* sobre a cobertura da «Solhapa», em todo o seu aspecto triunfante, ou ameaçador, deve ter sido inicialmente feita com pico de pedra e depois aprofundada e polida por abrasão.

Com o tempo, devido aos líquenes e aos agentes físicos, perdeu o seu primitivo polimento que algumas gravuras internas ainda conservam.

Existem figuras esquemáticas parecidas com esta, antropomórficas, na Galiza, em *Pedra Bullosa* ⁽¹¹⁾ e em Outeiro de Miranda ⁽¹²⁾.

Na pintura esquemática da chamada *Arte Levantina*, são frequentes estas figuras, com cauda e falos, sós e aparelhadas, e em cenas de caça, de que damos alguns decalques feitos sobre as reproduções de Pilar Acosta. (Op. Cit. e desenho n.º 1).

1.º e 2.º Grupo, 2.ª série externa e 3.ª série interna:

Covinhas e barras: Aparecem em Baçal, no seu termo junto de Bragança ⁽¹³⁾ e no «*Corpus Petroglyphorum*» de Buhigas, sobressaem em Outeiro do Galinheiro, Paredes (Moimenta) Vilar de Matos, na Pedra do Outeiro e em Couselos e podemos dizer que rara é a fraga da Galiza, onde estas gravuras aparecem, que não tenham uma ou outra covinha.

⁽¹⁰⁾ J. Maluquer de Motes, *La Humanidad Prehistórica*, 262. Ver também «*L'Arte Rupestre Galiego-Portuguese: Evoluzione e Cronologia*» por Emanuele Anati, em «*Arquivo de Beja*», ano 1966-1967 págs. 51-122. Ver especialmente págs. 80, 81, 82, 83, 84, 85.

⁽¹¹⁾ Francisco Buhigaz, *Corpus Petroglyphorum Galleeciae*, Tab. XVI, 33.

⁽¹²⁾ Abade de Baçal, *op. cit.*, IX, 643. O Abade de Baçal fala nestes sinais antropomórficos em forma de cruz para demarcar nas fragas os limites dos termos, esta da Solhapa, não é uma sinalização de limite, mas sim uma figura antropomórfica de sentido erótico, ligada à magia da fertilidade.

⁽¹³⁾ Abade de Baçal, *op. cit.*, IX, 614.

2.º Grupo — 1.ª Série interna: — Covinhas e Alteres:

Parecidas com estas são as das Agueiras, perto de Bragança ⁽¹⁴⁾, gravadas sobre um penedo, sito num lugar chamado «*Castrição*», nome afim de *Scantralhouço*, *Castralheiras* e *Castralhão*, significando a mesma coisa e também as da Ramada, perto de Espinhosela.

É muito singular a figura em que se identifica um par de mão dada que parece um «*par amoroso*», com tão flagrante paralelo com a «*pareja*», que Pilar Acosta nos dá no citado trabalho e na figura e número a que já me referi ⁽¹⁵⁾.

Como já referi atrás, a figura isolada, na extrema direita, parece ter parecimento com as figuras esquemáticas dos cervídios, que nos dão Almagro Basch ⁽¹⁶⁾ Varagnac, Menendez Pidal, J. de Morgan e Francisco Buhigas, mas o apêndice da extrema direita ligado à mesma figura como uma grande cauda, só vejo paralelos nos símbolos de Leroi-Gourhan, vindos do Paleolítico que, segundo ele, reproduzem imagens sexuais femininas, de aparência cordiforme. (Ver desenho n.º 3 e 4).

2.º Grupo — Série 2.ª. Interna - Parietal:

Todos estes sinais, bastante profundos, terão sido feitos por abrasão, pois ainda se encontram polidos. Deles só vejo sinais verticais parecidos na «*Peña do Carballeiro*», do Pombal da Galiza, conforme a Tab. VI, Fig. 13 do «*Corpus Petrogliforum*» citado.

A silhueta do cervídeo, quer no lombo, quer na barriga e na posição erecta, que lhe dá um certo perfil, parece uma silhueta dos abrigos paleolíticos, mas a figura deitada sob os pés do mesmo, dando-nos uma ideia de movimento vencido, assim como o antropomorfo, reduzido a uma cabeça sobre dois membros curvos, dão-nos a ideia dos

⁽¹⁴⁾ Abade de Baçal, *op. cit.*, IX, 612-621.

⁽¹⁵⁾ *Op. cit.*, Figs. 53 e 54, n.ºs 2 e 3.

⁽¹⁶⁾ Almagro Basch, *Manual de História Universal, Tomo I, Pré-história*, Espasa-Calpe, 680 e segs. André Varagnac, *O homem antes da Escrita*. Edições Cosmos, 123-126. J. de Morgan, *La Humanidad Prehistórica*, Barcelona, 1947, 304. R. Menendez Pidal, *História de España*, II, 443-484, e Francisco Buhigas, *Corpus Petrogliphorum Gallaeciae I*, Passim.

esquemas da arte levantina, tais como no-los revela Pilar Acosta, nas reproduções de figuras humanas.

Também nos vem dali uma ideia de que o antropomorfo cavalga com um instrumento redondo na mão, que seria uma pedra redonda de arremesso, coisa que ainda hoje costumam fazer os cavaleiros mirandeses para dominar as vacas, atirando-lhes «lapos» ou pedras.

O sinal semicircular parece-se com os escutiformes de Ridevides ⁽¹⁷⁾ e outros que o Abade transcreve ⁽¹⁸⁾ de Cerdedo, Vinhais, ver desenhos n.º 6-7. Esta figura em forma de ferradura, com o ponto ou traço na centro inicial da abertura, é parecida com os sinais simbólicos de que acima falámos, que Leroi Gourhan nos dá já vindos do Solutrense-Gravetense, Estilo II, e seriam símbolos sexuais femininos ⁽¹⁹⁾. Assim como os signos masculinos representados por barras, aparecem no estilo prefigurativo de Chatelperron ⁽²⁰⁾.

Nesta série aparece para o lado esquerdo, no interior, uma figura em forma de f, semelhando-se com um claviforme e confesso que não encontro com que o comparar.

VI

CRONOLOGIA

Não parece fácil estabelecer, sem outros dados mais concretos, como seriam extratos subterrâneos, feitos por meio de escavações, à entrada da «Solhapa», ou entre as fragas contíguas ao abrigo, do lado de fora, pois dentro é impossível, porque tudo é fraga granítica. Ou então na cerca castreja a que já nos referimos.

Quer para as insculpturas, como para a utensilhagem lítica, pois esta nos parece mais de ocasião que de tipologia definida, em função

⁽¹⁷⁾ J. R. Santos Júnior, *As Gravuras Litotripticas de Ridevides*, Fig. 1 e *Gravuras Rupestres de Linhares*, trad. de Antropologia e Etnologia, vol. XVIII fasc. 1-2. Porto, 1960-61, pp. 44-62.

⁽¹⁸⁾ Abade de Baçal, *op. cit.*, IX, 620.

⁽¹⁹⁾ J. M. Gomez Tabanera, *Altamira*, 260.

⁽²⁰⁾ Idem, 271-272.

do abundante material disponível, seixos lisos inicialmente, que uma vez inutilizados, como percutores, ou adaptados a furadores, ou a machados, eram lançados fora e substituídos por outros mais ou menos adaptados ao serviço a que se destinavam. Quer-nos parecer, pelo exame de algumas peças observadas, como as das figs, 24, 25, 26 e 27 que se aproveitaram aqui técnicas de aparelhagem de instrumentos líticos vindas dos processos finais da pedra talhada, como já referi atrás.

O Prof. Maluquer diz que as pinturas rupestres esquemáticas marcam, do Levante, um refluxo para Noroeste, como *Pala Pinta*, e *Cachão da Rapa*, em *Trás-os-Montes e Peña Tu*, nas Astúrias, e explica-o pela transumância dos pastores que em boa verdade ainda hoje se realiza quase pelas mesmas vias, desde a Extremadura para os montes de Sória e para as serras das Astúrias e da Senábria.

Para Maluquer as insculpturas rupestres galegas são derivação da Arte Esquemática vinda do Levante, e dela terão nascido as insculpturas megalíticas que reproduzem temas da arte pintada esquemática do Meio-Dia.

É claro que as da Solhapa têm em parte familiaridade com as galegas do *Corpus Petrogliphorum*, mas há singularidades no abrigo de Duas Igrejas, que não aparecem na arte levantina, mas sim na arte franco-cantábrica, vinda do paleolítico tardio, como já aponte, assim como em outras de Trás-os-Montes, Cerdedo, Ridevides e Linhares.

Maluquer diz ainda que «a etapa do apogeu da arte esquemática corresponde, sem dúvida a meados da Idade do Bronze, avançada a fase climática seca sub-boreal, que descarna de líquenes as superfícies lisas das rochas, isto é, entre os anos 1.500 e 500 a.C.» ⁽²¹⁾.

⁽²¹⁾ J. Maluquer de Motes, *La Humanidad Prehistórica*, 263.

NOTA FINAL: Devo remeter ainda para o comentário que o autor de *El Arte Rupestre Naturalista del Levante Español*, faz na *História de España*, sobre a cronologia e a relação desta arte pré-histórica, levantina o paleolítico e a cultura dolménica, onde pelo menos espevita a curiosidade dos investigadores e estudiosos deste sugestivo assunto. (*História de España*, 483-484). Porém, o retro-citado trabalho de Emanuele Anati «L'Arte Rupestre Galiego-Portuguese: Evoluzione e Cronologia» expõe um quadro cronológico da Arte Rupestre galego-portuguesa, que nos pode dar muita luz sobre a interpretação simbólica das gravuras e a sua cronologia. Conf. *op. cit.*, pág. 85.

Porém, no interior do abrigo não havia líquenes, o que me leva a supor que pelo menos, a série parietal seria inicialmente gravada antes das outras e utilizada a gruta como abrigo de caçadores apenas, depois, viria uma nova leva, no eneolítico, bordeando a Idade do Bronze, de caçadores e pastores e agricultores que viveram na cerca, e utilizaram a «Solhapa» como abrigo e como santuário que vinha de trás.

Assim aconteceu também nas grutas do Paleolítico pintadas e com os abrigos e santuários posteriores.

VII

CONCLUSÕES

1.º — Podemos concluir que as insculpturas rupestres da Solhapa de Duas Igrejas, quer internas, quer externas, se enquadram no conjunto esquemático rupestre do Noroeste Peninsular.

2.º — Que há nelas figuras esquemáticas bem relacionadas com a arte figurativa chamada levantina.

3.º — Que também nelas se encontram símbolos, como as barras verticais simples, os escutiformes e o sinal cordiforme ligado ao conjunto das quatro patas que têm paralelos com os símbolos masculinos e femininos que Leroi-Gourhan nos descreve como vindos do Solutrense-Gravetense-Aurignacense-Chatelperronense, estilos II, I, e prefigurativo, expressões vindas ainda do Paleolítico que podem ter sido importadas do Norte, portanto gente provinda de cruzamentos de antepassados do Norte e do Levante, praticando cultos de fertilidade.

4.º — Que os achados de cerâmica pobre na cerca habitada, e a múltipla utensilhagem lítica partida e polida, nos fazem pensar num neolítico ou eneolítico, continuado nos períodos do Bronze e do Ferro.

5.º — O abrigo da Solhapa deve ter sido um *santuário*, pois as cenas eróticas e naturalistas, a expressão do antropomorfo na cobertura, os símbolos sexuais, etc., fazem pensar em práticas mágicas e

preocupações espirituais dos seus autores, expressas em símbolos de fertilidade.

6.º — Não sendo estranha esta zona à cultura megalítica, pela abundância de topónimos (antas, tûmbaros, talhas, e *marmolinas*, (ma-moas) ainda inexploradas que a circundam, podemos enquadrar as insculpturas da Solhapa, no conjunto megalítico do Noroeste Peninsular, mas o abrigo deve ter sido habitado muito antes e as incisões parietais, sobretudo algumas, devem-na ter precedido bastante.

*
* *
*

Como síntese-corolário, dada a situação deste abrigo, ao Norte do Douro, e ao Sul da zona Cântabro-astur, iniciando, para o setentrão a meseta leonesa, peço licença para transcrever de Bosch-Gimpera uma apreciação que nos poderá dar alguma luz, sobre o fundo étnico dos habitantes que na aurora da proto-história viviam por estas paragens: «— A base indígena dos Astures parece derivar dos antigos povos do Neolítico da região, e nela se misturam elementos antiquíssimos procedentes daqueles paleolíticos da cultura franco-cantábrica, que desenvolveram no mesolítico a cultura asturiense, comum à Galiza e a todo o Norte de Espanha, e eram afins dos que constituíram a base do povo vasco-pirenaico, com uma infiltração dos povos do centro de Espanha de origem capsense, que introduziram no neolítico a chamada cultura das covas.

A proximidade e a relação com a Galiza e com os países Atlânticos, assim como a exploração dos distritos mineiros, deram à cultura dos Astures, nos últimos tempos da Idade do Bronze, um carácter especial, afim do da Galiza.

Estendidos os astures não só pela vertente Norte dos Picos de Europa (junto de Covadonga), mas também ao Sul destes, pela meseta leonesa, (que descia até ao Douro) não chegaram a apagar os rastros dos povos indígenas.» (*História de España*, sob a direcção de Menendez Pidal, II, pág. 267).

RÉSUMÉ

L'A. a pris connaissance de cet ensemble de inscultures rupestres, en 1915. Elles se trouvent dans un abri du N. du pays (Trás-os-Montes) gravées sur le granit. On les voit sur la partie intérieur de l'abri et aussi dans la partie extérieur. Dans cette dernière il y a des figures humaines schématisées, des lignes serpentiformes, des fossettes. Dans l'intérieur il y a aussi des fossettes; mais la figure la plus intéressante on croit que ce sera la représentation d'un accouchement (?). Sur le terrain voisin on a trouvé des *chopping tools*, des hache-reaux, des meules de moulin. L'A. donne comme chronologie pour les gravures la fin du Paleolithique, et établit une relation des gravures avec les inscultures de Galice, des Asturies et du SW de la Péninsule Ibérique.

F. A

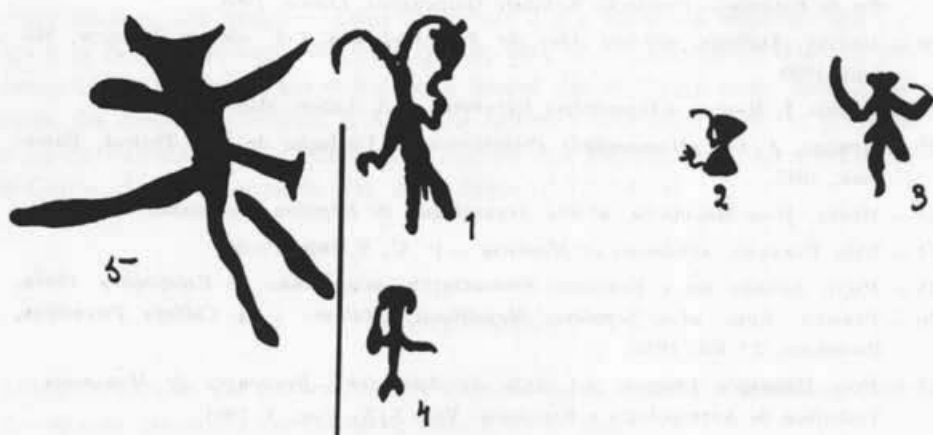
BIBLIOGRAFIA

- 1 — ACOSTA PILAR, «*La pintura Rupestre Esquemática en España*» — Salamanca, 1968.
- 2 — ALIMEN, HENRIETTE, «*Prehistoires*», Tome I, Paris, 1965.
- 3 — ALMAGRO BASCH MARTIN, «*Prehistória*» — *Manual de História Universal* — Espanha. Calpe — Madrid, 1960.
- 4 — ALVES, P.º FRANCISCO MANUEL, Abade de Baçal — «*Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*», vols. IX e X.
- 5 — ARIBAS, ANTÓNIO, «*La prehistória*». Barcelona, 1969.
- 6 — BEHN, DOMINIK, «*Arte Prehistórico*» — *História del Arte Universal* — Ediciones
- 7 — BIEDEMAN, BIESANTZ E VEISNER, «*Culturas Megalíticas*» — *História del Arte Universal*, Ed. Moreton, Bilbao, Vol. IV.
- 8 — BORDES, FRANÇOIS, «*Le Paleolitique, dans le Monde*», Hachette, Paris, 1968.
- 9 — BORDES, SONNEVILLE, «*La Edad de la Piedra*», Barcelona, 1967.
- 10 — BRIARD JACQUES, «*L'Age du Bronze*», P. U. F. (Que Sais je?, Paris, 1965.
- 11 — BUHIGAS, FRANCISCO, «*Corpus Petrogliphorum Gallaeciae*», Compostela, 1935.
- 12 — CHILDE, V. GORDON, «*L'Europe Prehistorique*», Payot — Paris, «*O Homem faz-se a si mesmo*» — Cosmos, Lisboa, 1947.
- 13 — CLARK, GRAHAN, «*Les Chasseurs de l'Age de la Pierre*», Paris - Bruxelles — 1967.
- 14 — EMPERAIRE ANNETE LAMING, «*La Signification de L'Art Rupestre Paleolitique*» — Editions Picard — Paris, 1968.
- 15 — GOURHAN, ANDRÉ LEROI, GERARD BAILLARD, JEAN CHEVALION E ANNETE LAMING EMPERAIRE, «*La Prehistoire*», Clio, P. U. F. Paris, 1968.
- 16 — ISIDORO, AGOSTINHO, «*Contribuição para o Estudo da Arqueologia do Concelho de Alter do Chão*» — (Alto Alentejo) in «*Actas do IV Colóquio de Arqueologia Portuense* — Porto 1966.

- 17 — SANTOS, JÚNIOR J. R., «*As Gravuras Litotrípticas de Ridevides, Moncorvo, Trás-os-Montes*», Vol. XVIII, 1960-1961, «*As Gravuras Rupestres de Linhares, Carrizeda de Anciães*» in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XVIII, 1960-1961.
- 18 — LEISNER, GEORGES E VERA, «*Antas do Concelho de Reguengos de Monsarás*», Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1951.
- 19 — LEISNER VERA, AFONSO DO PAÇO E LEONEL RIBEIRO, «*As Grutas Artificiais de S. Pedro do Estoril*» — Fundação Kalouste Gulbenkian, Lisboa, 1964.
- 20 — MAUDIT, JACQUES, «*40.000 Años de Arte Moderna*», Col. «Ser y Tiempo», Madrid, 1959.
- 21 — MELIDA J. RAMON, «*Arqueologia Española*», Col. Labor, Madrid, 1942.
- 22 — MORGAN, J. DE, «*Humanidade Prehistorica*» — Tradução de Luís Pericot, Barcelona, 1947.
- 23 — MOTES, JUAN MALUQUER, «*Carta Arqueologica de España*», Salamanca, 1956.
- 24 — NIEL FERNAND, «*Dolmens et Menhirs*» — P. U. F. 1968, Paris.
- 25 — PAÇO, AFONSO DO E EDUARDO SANGMEISTER, «*Campanha de Escavações - 1965*».
- 26 — PERICOT, LUIS, «*Los Sepulcros Megalíticos Catalanes y la Cultura Pirenaica*», Barcelona, 2.ª Ed. 1950.
- 27 — PINA HENRIQUE LEONOR, «*A Anta da Azinheira — Reguengos de Monsaraz*» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XIX, Fasc. I, 1963.
- 28 — SOLANO TOMAZ, MAZA, FRANCISCO JORDÁ, Cerdá, JOSÉ MANUEL GOMEZ TABANERA, MIGUEL ANGEL GUINEA, JOSÉ CAMOM AZNAR, ANTÓNIO BELCHIOR MARTINEZ, MARTIN ALMAGRO BASCH, «*Altamira Cumbre del Arte Prehistórico*», Madrid, 1968.
- 29 — UCKO, PETER E ANDRÉ ROSENFELD, «*L'Art Paleolitique*», Hachette, Paris, 1960.
- 30 — PIDAL, R. MENENDEZ, «*História de España*», Espasa-Calpe-Madrid-Barcelona I e II vols., 1960.
- 31 — ANATI, EMMANUELE — «*Arquivo de Beja*», vols. XXIII — Beja, 1966.

FIGURAS HUMANAS

Desenho n.º 1



1 — Los Letreros. 2 — Moriscos del Helechal: Abrigo superior. 3 — Tajo de las Figuras. 4 — Peñon de la Torre de la Peña, segundo Pilar Acosta — in «Pintura Rupestre Esquemática en España» — pág. 158 — Fig. 52. 5 — Cobertura da «Solhapa», *Feiticeiro?*

CENAS DE AMOR

Desenho n.º 2



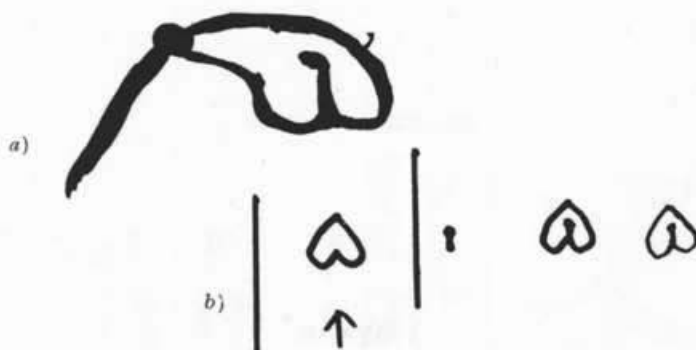
Solhapa — Duas Igrejas



Sierra Grajera Chica: Abrigo 1.º
Pilar Acosta,
«La Pintura Esquemática Rupestre en España» — pág. 162 — Fig. 54, n.º 3

SÍMBOLOS SEXUAIS?

Desenho n.º 3

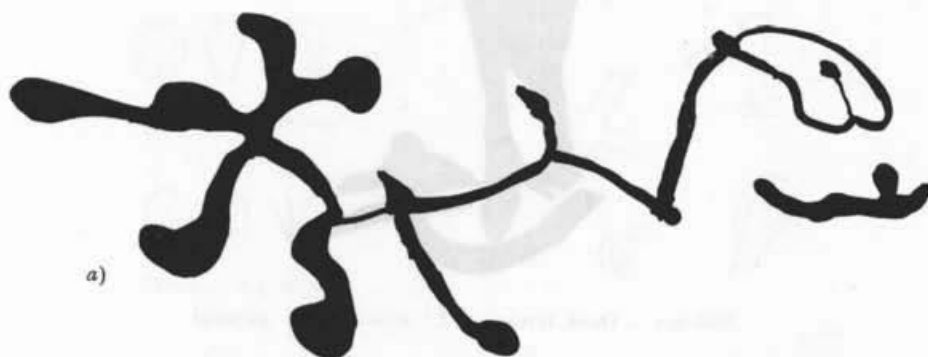


a) Solhapa — Duas Igrejas

b) Símbolo feminino cordiforme segundo Leroi-Gourhan, J. M. Tabanera in «Altamira» — 271

PARTOS?

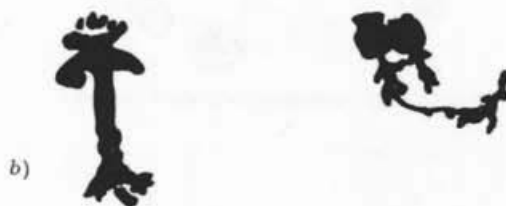
Desenho n.º 4



a)

Parto?

a) Solhapa — Duas Igrejas



b)

b) Partos segundo Pilar Acosta
6 f. cit. pgs. 162-164, Fig. 54 n.º 11 e 12

CAVALO?

Desenho n.º 5



Solhapa — Duas Igrejas — 2.ª série interna parietal

SÍMBOLOS SEXUAIS

Desenho n.º 6



Símbolos masculinos segundo Leroi-Gourhan in
J. Manuel Gomez-Tabanera «Altamira»
— 271 e 260

SEGUNDO LEROI-GOURHAN
Presumíveis sinais femininos



Estilo — Gravitense



Estilo — Aurinhac



Chatelperron pré-figurativo

INSCULTURAS DE CERDEDO-VINHAIS



Abade Baçal, «Memórias», IX, 620-635

SIMBOLOS SEXUAIS?

Desenho n.º 7



Insculturas de *Linhares* - Carrazeda de An-
ciães Abade — IX, 635

SOLHAPA



«RIDEVIDES» — J. R. Santos Júnior —
Fig. 1 — pg. 114



SÍMBOLOS SEXUAIS

Desenho n.º 8



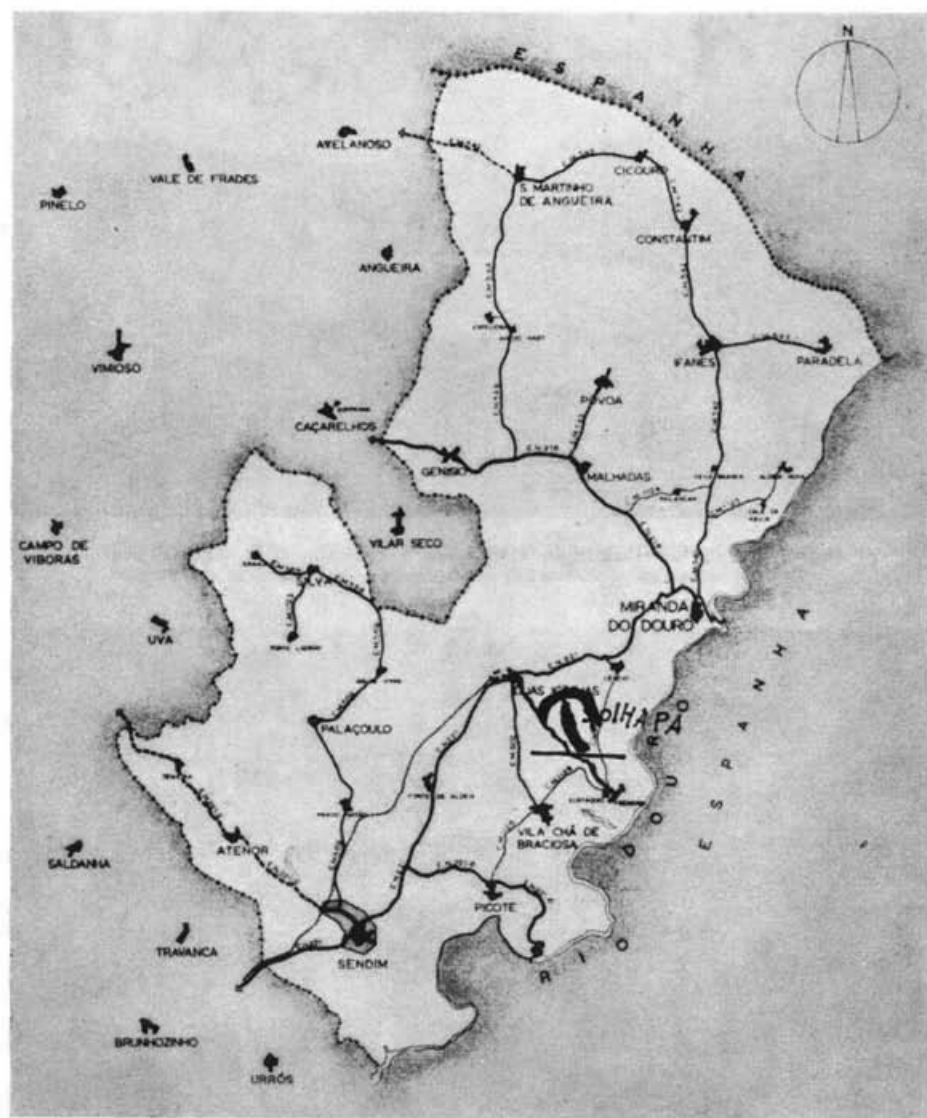
Símbolo feminino em insculptura sobre pedra.
Decalque sobre fotografia da Sr.ª Laming
Imperaire in Pl. XV, — Fougal «*La signi-
fication de l'Art Rupestre Paleolitique*»

Desenho n.º 9



Alteres curvos da Solhapa Duas Igrejas —
3.ª série interna

Bomerang - Puerto de Malas Cabras: Abrigo
pequeno, segundo Pilar Acosta, op. cit.
pp. 108 — Fig. 30, n.º 18



Mapa do Concelho de Miranda do Douro com a localização do abrigo da «Solhapa»
Duas Igrejas

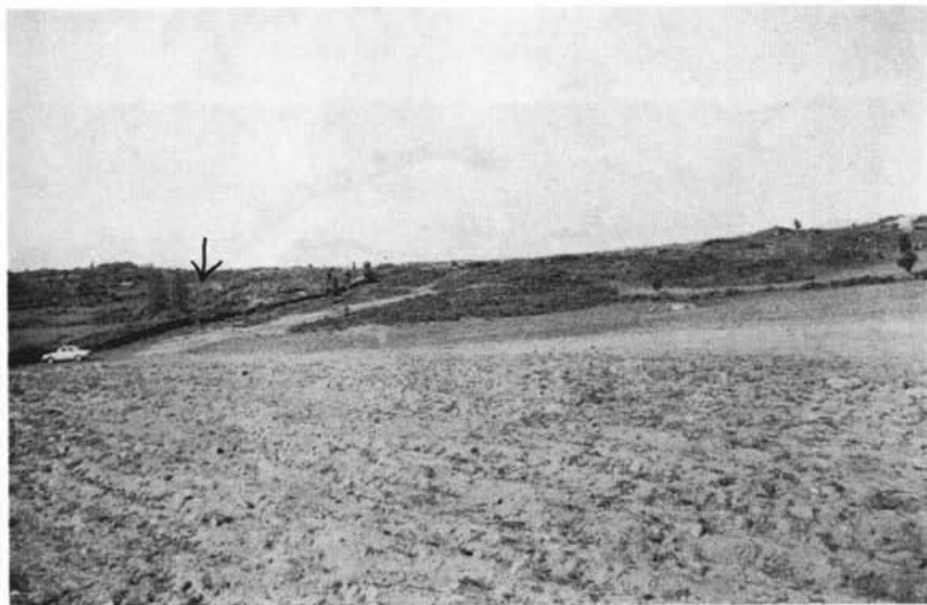


Fig. 1 — Face ao Poente, a «Solhapa» é indicada pela seta vertical



Fig. 2 — «Solhapa» — Duas Igrejas. Explicação da figura anterior



Fig. 3 — «Solhapa» — Duas Igrejas. Sobre a cobertura do abrigo percebe-se a mancha branca do antropomorfo figurando o *feiticeiro*? e as serpentiformes.

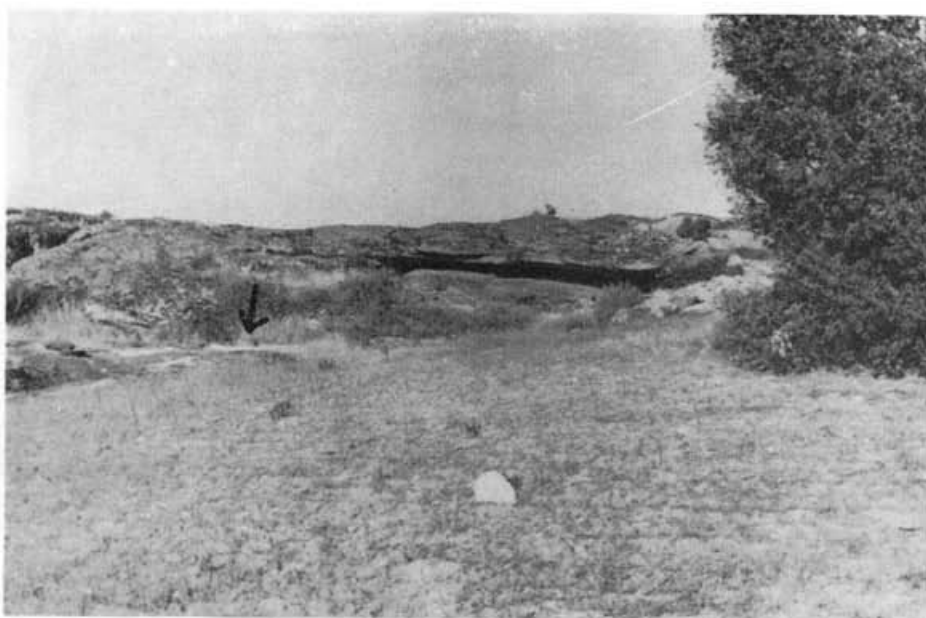


Fig. 4 — «Solhapa» — Duas Igrejas. A seta indica a localização da fontela, onde nasce e corre a água, desde Outubro a Agosto



Fig. 5 — «Solhapa» — Duas Igrejas. A seta preta indica o Norte, a vermelha a localização do abrigo; a linha vermelha em zig-zague, o curso da ribeira; o ponteadado sinala os limites do castro, onde aparece a utensilhagem lítica, restos de cerâmica, etc.



Fig. 6 — «Solhapa» — Duas Igrejas. A seta indica o sítio da Malrasca, frente ao castro

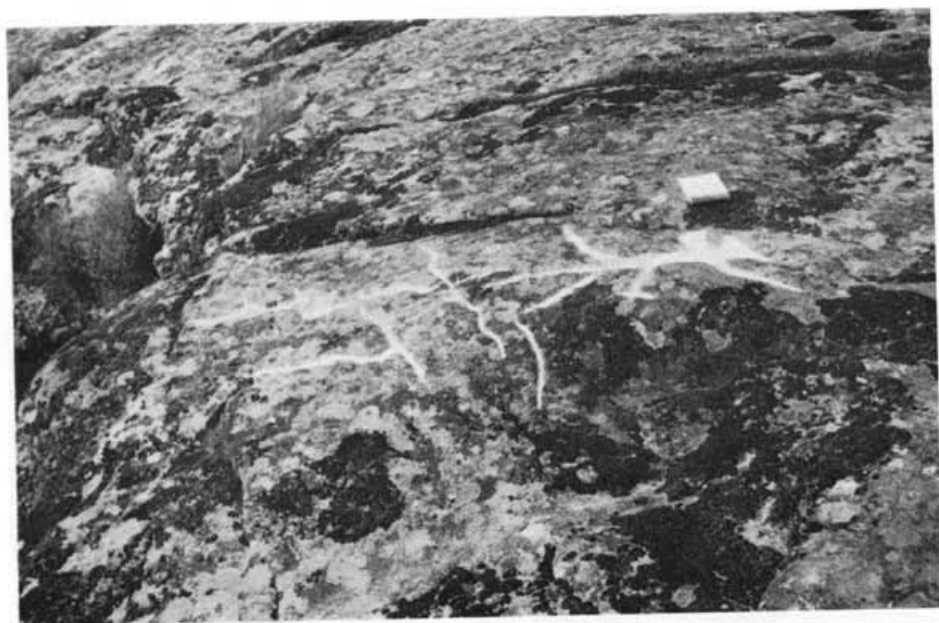


Fig. 7 — «Solhapa» — Duas Igrejas. A inscultura indicativa de antropomorfo e dos responentiformes sobre a cobertura do abrigo — série externa n.º 1

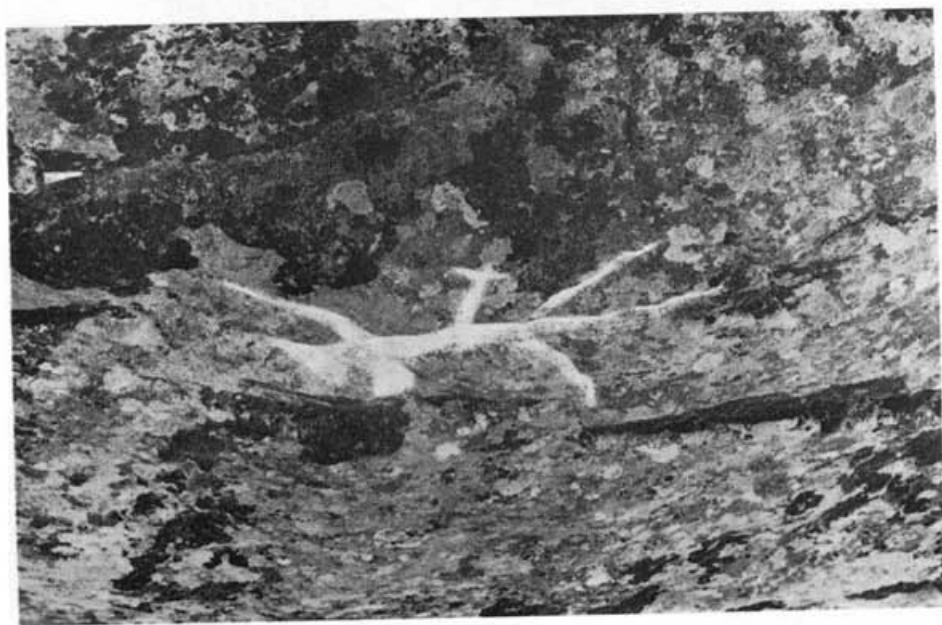


Fig. 8 — «Solhapa» — Duas Igrejas. O antropomorfo visto de frente



Fig. 9 — «Solhapa» — Duas Igrejas. O astropomorfo
(Feiticeiro ?) visto de outro ângulo



Fig. 10 — «Solhapa» — Duas Igrejas. A mesa exterior com as covinhas e barras
2.^a Série externa



Fig. 11 — «Solhapa» — Duas Igrejas. Entrada principal do abrigo vendo-se em frente,
no chão, a 1.^a Série interna de insculpturas



Fig. 12 — «Solhapa» — Duas Igrejas. Entrada principal do abrigo com a 1.ª Série à esquerda e a 2.ª Série, (parietal) à direita.



Fig. 13 — «Solhapa» — Duas Igrejas. Vista geral da 1.ª Série interna de gravuras.



Fig. 14 — «Solhapa» — Duas Igrejas. 1.^a Série interna
— *Par amoroos*? Pormenor.



Fig. 15 — «Solhapa» — Duas Igrejas. 1.ª Série interna — Pormenor, Figura esquemática isolada que representará ??? um parto ??



Fig. 16 — «Solhapa» — Duas Igrejas. 1.ª Série interna — pormenor da fig. 15.

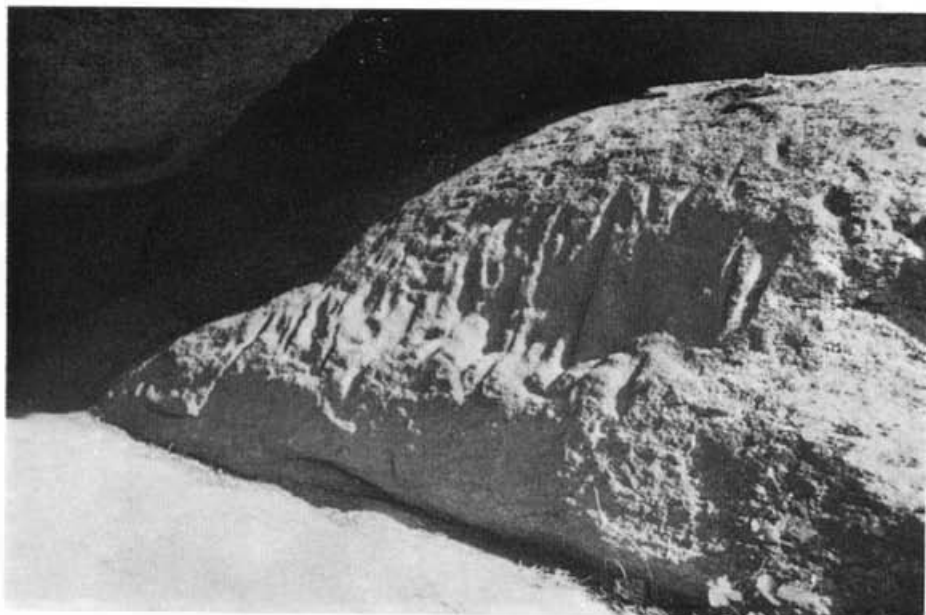


Fig. 17 — «Solhapa» — Duas Igrejas. Imagem directa da 2.^a Série, ou parietal — interna.

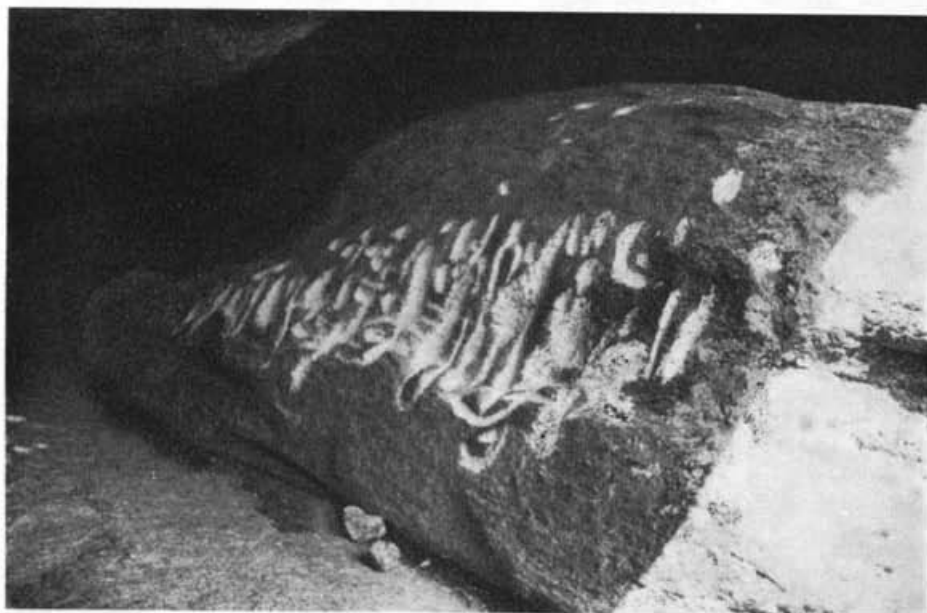


Fig. 18 — «Solhapa» — Duas Igrejas. Reprodução da anterior, mas com as gravuras cobertas de giz branco. Série 2.^a — interna — Parietal. Parecem cavadas em «cham-plevê». Será verdade? Todas as figuras de maior largura assim parecem...



Fig. 19 — «Solhapa» — Duas Igrejas, 2.ª Série — interna parietal —. Lado direito das gravuras, vendo-se as duas barras verticais à direita e, ao centro, o cavalo, ou equídeo em boa silhueta e o antropomorfo à retaguarda, e a figura inferior dobrada sob as patas do equídeo



Fig. 20 — «Solhapa» — Duas Igrejas, 3.ª Série — interna o lado esquerdo, composto de covinhas e um «Bomerang»?



Fig. 21 — «Solhapa» — Duas Igrejas. 3.^a Série — interna — Porte central desta série com covinhas e barras como a anterior e alteres



Fig. 22 — «Solhapa» — Duas Igrejas, 3.^a Série — interna
— Outra fase central composta de alteres, covinhas e
barras



Fig. 23 — «Solhapa» — Duas Igrejas, 3.^a Série — interna
— Extremo esquerdo desta série, composta de covinhas
dispersas e denota-se um alter de barra curva que pode
ser imagem de boomerang

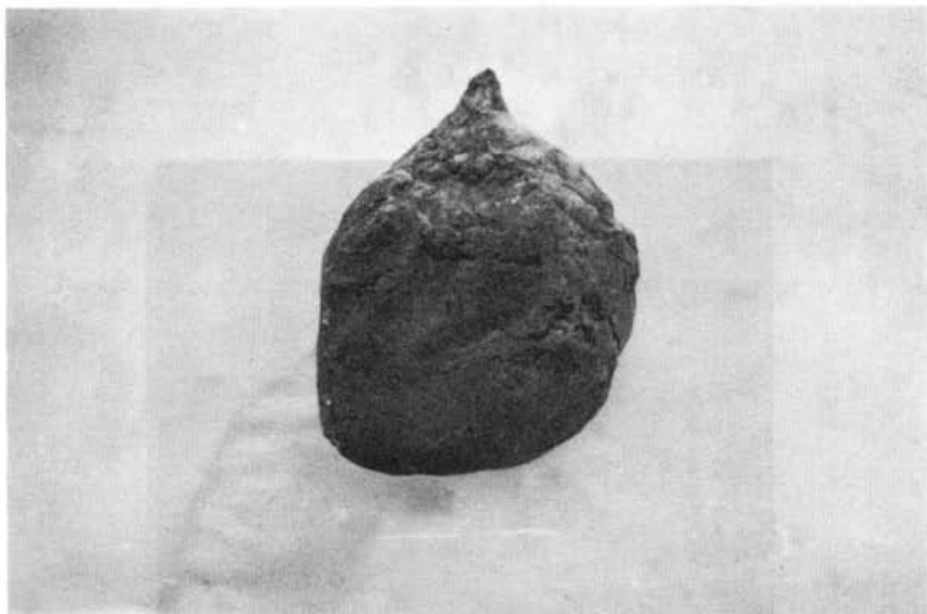


Fig. 24 — «Solhapa» — Duas Igrejas. Pico ou percutor, de $0,21 \times 0,15 \times 0,7$ m. Poderia ter sido com picos como este que foram iniciadas as covinhas da «Solhapa». É de quartzite rosada e este pesa 4 quilos. Aparecem na cerca contígua.

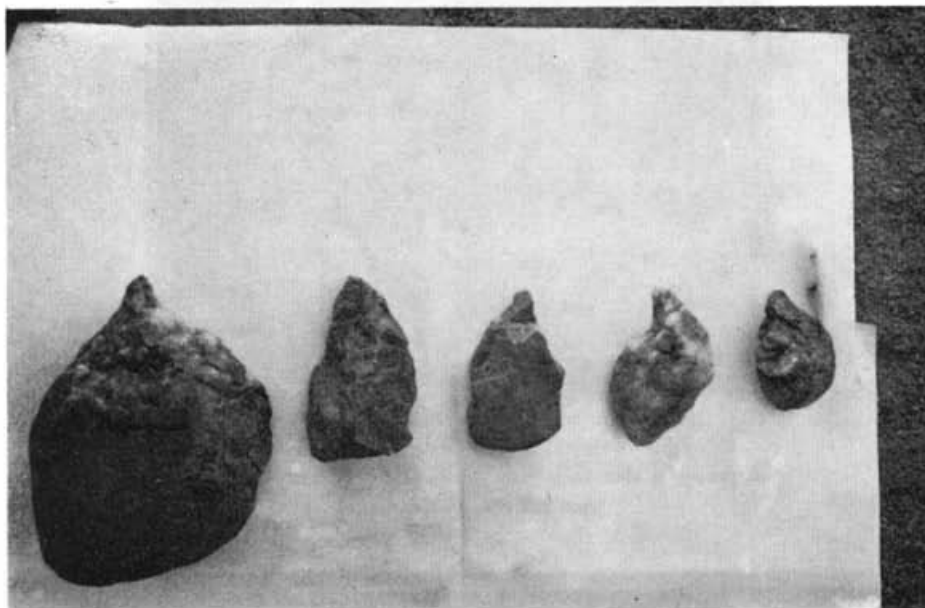


Fig. 25 — «Solhapa» — Duas Igrejas. Picos diversos e anterior e mais quatro de menores dimensões. São todos de quartzite rosada; os 3 da direita podem ter servido de percutores e furadores.

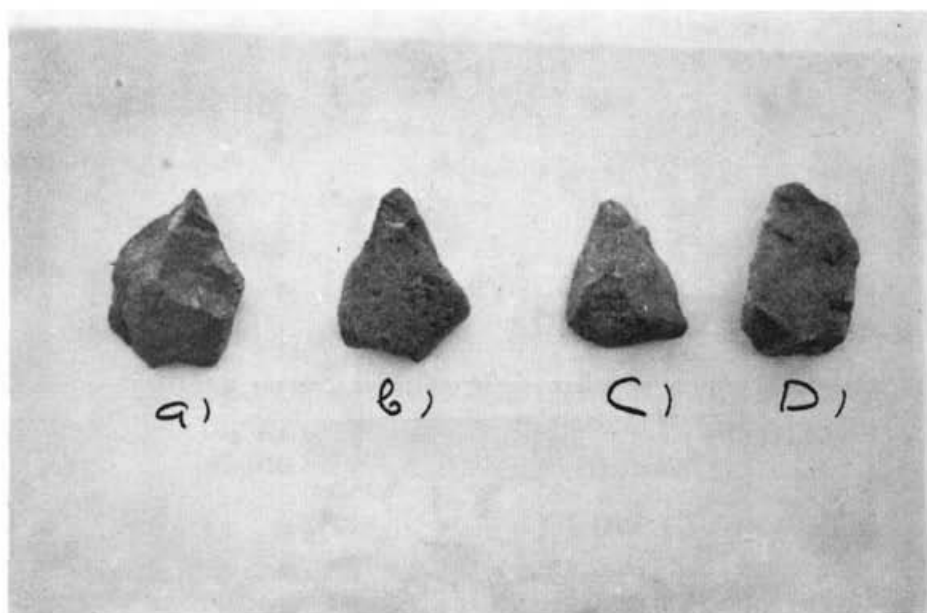


Fig. 26 — «Solhapa» — Duas Igrejas. a) Machadinha — $0,09 \times 0,07$ m; b) percutor ou pico, com algumas faces lisas — O aspecto triangular, dá-lhe aparência asturiense. Tem $0,09 \times 0,65$ m; c) machadinha $0,06 \times 0,05$; d) machadinha $0,09 \times 0,55$ m. São todos de quartzite rosada e aparecem na cerca contígua

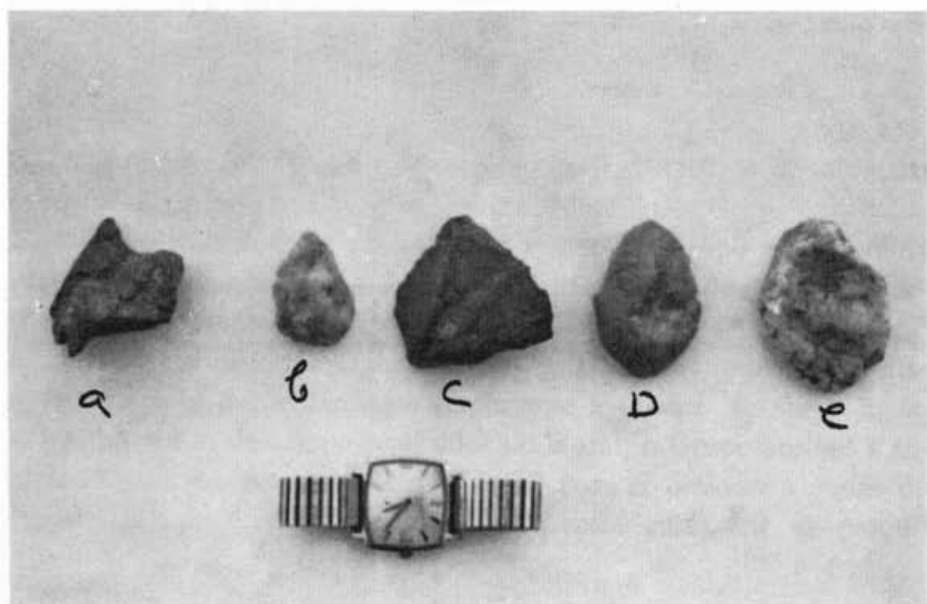


Fig. 27 — «Solhapa» — Duas Igrejas. a) lâmina desgarradora de sílex preto — $0,055 \times 0,054$ m; b) riscador em amêndoa de quartzite rosada $0,04 \times 0,03$ m; c) lâmina cortante, de gumes aguçados, sílex preto $0,06 \times 0,05$ m; d) lâmina em amêndoa de quartzite rosado, com bordos aparados e uma face lisa $0,053 \times 0,035$ m; e) idem — $0,059 \times 0,041$ m. Aparecem na cerca

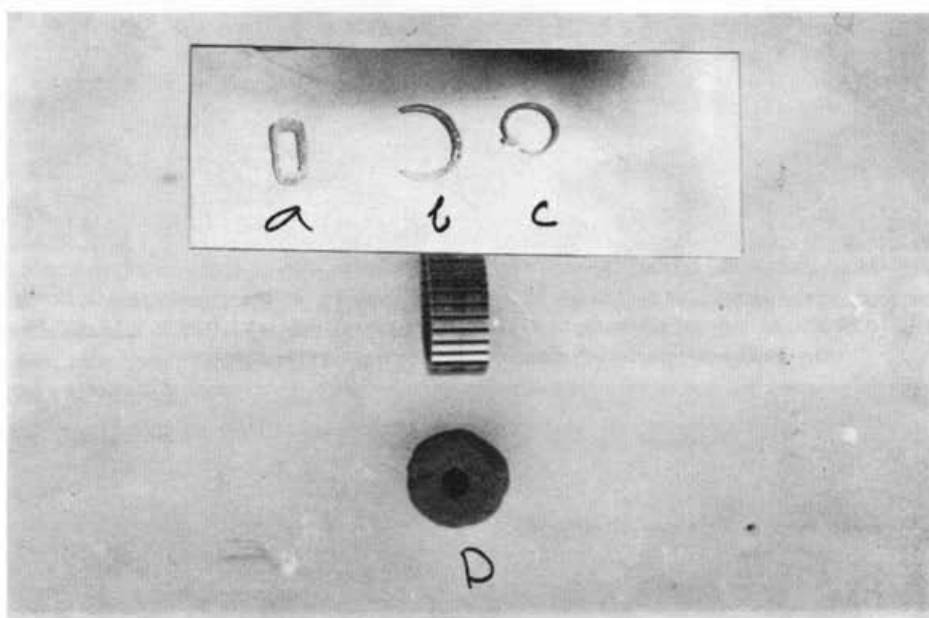


Fig. 28 — «Solhapa» — Duas Igrejas, *Cerca* — 3 instrumentos de bronze: a) uma argola rectangular; b) uma bracelete sem pontas; c) uma fivela romana, com uma só extremidade intacta, faltando-lhe a barra cenral; d) *Cossoiro* pequenino de barro cozido.

Tem $0,025 \times 0,022$ m